

Evolução - Darwin

Caríssimos irmãos em Cristo Jesus, que a paz do Mestre Divino a todos nos envolva.

Jean-Baptiste de Lamarck, autor da *Philosophie Zoologique*, não era um grande orador. Faltava a Jean-Baptiste, apóstolo da Teoria da Evolução e legítimo precursor de Charles Darwin, aquele fluido empolgante que faz do jogo de palavras uma verdade irrecusável.

O que faltava a Jean-Baptiste sobrava, precisamente, em Georges Cuvier, o outrora empobrecido Cuvier, que se impusera ao respeito dos sábios conduzido pelas mãos generosas do próprio Lamarck.

Cuvier, esse sim era o gênio da palavra, um mago da argumentação. Há de ter sido o maior opositor da Teoria da Evolução e por isso mesmo um dos maiores óbices ao cursivo ascendente da Ciência na primeira metade do século XIX.

Para Cuvier não existia evolução. As espécies, dizia, são imutáveis. Não existe evolução de uma para a outra. Não pode existir. Cada época da Terra continuava, tem suas plantas e animais próprios, eles surgem com ela e com ela terminam. As catástrofes periódicas e totais tudo aniquilam, a natureza cria de novo, parte do começo outra vez, é sempre uma nova criação que se elabora em cada época geológica.

Verdade é que Cuvier era um homem inteligente e, sobretudo, adaptado ao Espírito de seu tempo. Naturalista que dominou por um século o cenário francês, Cuvier, partindo de que todos os órgãos e partes de cada ser são correlativos entre si, estabeleceu a sua chamada Lei de Correlação.

Se um animal tem um órgão formado de determinada maneira, dizia a Lei, pode se deduzir daí a conformação do resto dos seus órgãos. Assim, por exemplo, os animais com chifres e cascos, os ungulados, têm sempre e em todos os casos, dentaduras de herbívoros.

Os animais com garras e astrágalos devem ter obrigatoriamente dentes de carnívoros. Os répteis com dentes unidos são vegetarianos, os répteis com dentes cônicos vivem de presa e assim por diante.

A Lei de Cuvier era teoricamente tão exata que lhe permitia reconstituir o corpo inteiro de um animal por um único órgão conhecido e Cuvier tinha de fato essa habilidade, reconstituía um fóssil inteirinho à vista de poucos ossos, coisa que na época era mais do que surpreendente.

Sua Lei de Correlação perfeitamente lógica, mas até então ainda não formulada prevalece até hoje, porém nada há nela que se oponha à Teoria da Evolução. A esta se opunha sim, a teoria das catástrofes, do próprio Cuvier, segundo a qual seria impossível um harmônico encadeamento das formas de vida, desde a mais simples até a mais complexa, pois que a criação natural seria, segundo ele, frequentemente interrompida pelos cataclismos universais, sepultando um mundo de fósseis que nada teriam a ver com as espécies atuais.

Posteriormente desmentido cabalmente pela Ciência, Cuvier foi, todavia em sua época, um verdadeiro semideus. Os estudantes adoravam-no, sobretudo

depois de um incidente que tornaria ainda mais famosa a sua já famosa Lei de Correlação.

É que alguns acadêmicos resolveram pregar uma peça no mestre. Um deles vestiu-se de diabo, botou chifres na cabeça, calçou sapatos em forma de pés de cabra e com tão bizarra fantasia, entrou à noite no quarto de Cuvier, enquanto seus colegas do lado de fora da janela aguardavam o desenrolar dos fatos.

Estava Cuvier no sétimo sono quando, de repente, uma voz estrondosa soou-lhe junto ao ouvido: *Acorda, homem das catástrofes, eu sou o diabo*.

Cuvier abriu os olhos, acendeu uma vela e pôs-se a observar o monstro com inusitado interesse: *Eu sou o diabo*, repetiu o mascarado, estou aqui para te devorar.

Queres devorar-me? E Cuvier abanou a cabeça: *Impossível, tens corno e cascos, de acordo com a Lei de Correlação, só podes comer plantas*. E mergulhou de volta no sono.

Os estudantes que se haviam postado à escuta, em vez de rir, prorromperam em entusiástica ovação.

Cuvier era adorado pelos estudantes. O Coliseu absoluto das Ciências naturais. O mesmo não acontecia com Jean-Baptiste de Lamarck que o protegera e lhe facilitara a ascensão.

Já quase cego foi amparado por sua filha Cornélie, que no dia que se consumou o seu trágico destino, compareceu ao anfiteatro. Como de outras vezes, a sala não estava repleta e como de outras vezes Lamarck discorreria sobre a sua teoria do meio. *As espécies*, afirmava ele, *evoluem de uma para a outra pela progressiva adaptação às contínuas mutações do meio ambiente. As espécies não são imutáveis, a natureza é dinâmica e o processo criativo, ininterrupto*.

Antes dele, os naturalistas Lineu e Buffon, haviam suspeitado disso, o inspirado poeta alemão Goethe também o dissera, mesmo Comte e Schopenhauer haviam esboçado qualquer coisa nesse sentido, mas nenhum deles tivera o mesmo desassombro de Jean-Baptiste de Lamarck. E Lamarck suportava agora, sozinho, o ônus de insurgir-se contra os cânones estabelecidos da Ciência de sua época.

Naquele dia cinzento, Lamarck principiou expondo sobre o proteus das grutas, ele gostava desse exemplo típico. O proteus, uma salamandra das cavernas dos carstes dináricos, havia, segundo a teoria do meio, perdido o sentido da vista, porque na escuridão das grutas não precisava dele. Se, todavia, o colocassem por algum tempo num aquário iluminado, voltava a ver.

E, quando Lamarck comentava a maneira porque o proteus adquiria pequenos olhos, irrompeu grande tumulto na assistência, não porque o milagre dos proteus a houvesse arrebatado, Lamarck não sabia arrebatar uma plateia, mas por causa do homem que penetrara o anfiteatro e se sentara em uma das últimas fileiras.

Alguns estudantes prorromperam em aplausos, mas Cornélie, filha do homem quase cego, deixou-se empalidecer. O recém-chegado era Georges Cuvier, outrora pupilo de Lamarck e agora seu mais ferrenho opositor.

Cuvier ouviu por algum tempo o romance dos proteus e, por fim, levantou-se colérico e grosseiro como, aliás, não costumava fazer. *Se assim é Mr. Lamarck*, disse ele, *deveríamos concluir também que o senhor não tem feito uso algum da sua vista e por isso a perdeu. Se exercitasse mais os olhos, se observasse melhor a natureza, em vez de entregar-se a fantasias, talvez visse novamente.*

Alguns estudantes riram da maldosa ironia, mas, Cornélie só soube chorar enquanto o pai, puxando na gola da sobrecasaca, nervoso e desamparado, reunia forças para responder: *Eu lhe peço, Cuvier, não entremos no terreno pessoal.*

Mas, Cuvier voltou à carga: *E não há na sua zoologia filosófica algo de um ataque pessoal contra mim?*

Não que eu saiba, murmurou Lamarck, tentando ver através das cinzas dos olhos sem luz o brutal antagonista. E, como o tumulto crescesse com as pilhérias dos estudantes e o deboche generalizado, Lamarck voltou corajosamente a falar:

Eu mantenho tudo que tenho dito e ensinado, e agora solicito-lhe a fineza de retirar-se, Mr. Cuvier.

Tens medo, insistiu o outro, *se não o tens, queira responder-me uma pergunta. O senhor mantém a sua afirmação de que os fósseis são precursores das espécies atuais?*

Naturalmente. Declarou Lamarck.

E atreve-se a cuspir isso na minha cara? Bradou Cuvier, desferindo um murro no banco.

O senhor sabe que eu provei o contrário.

Não, eu não sei. Replicou Lamarck.

Eu não creio na sua doutrina das catástrofes.

Mas isso é uma afronta. Rugiu Cuvier.

Eu o desafio a apresentar uma única prova em contrário, inabalável, ou então repudiar publicamente a sua teoria.

E, Lamarck respondeu profético:

A minha teoria como a sua Mr. Cuvier, não se pode provar.

Mas, Cuvier, indignado, não se conteve;

Provas? Provas não as têm o senhor, porque não é um cientista, é um sonhador. Eu quando ensino alguma coisa posso prová-lo. Proponho a assistência que se passe para a minha sala. Verifiquem por si mesmos, meus senhores, qual a teoria mais certa, a minha ou a desse pobre homem?

Os estudantes abandonaram a sala em companhia de Cuvier. No anfiteatro só restaram o homem quase cego e sua dedicada filha Cornélie. No entanto, a posteridade deu ganho de causa a Lamarck e provou que o sonhador era muito mais cientista do que o arrogante Cuvier.

Antes disso, porém Lamarck morreu, sem deixar um centavo, nenhuma recordação. Só lhe reverenciou a memória, dos anos que se lhe seguiram a morte, Cornélie Lamarck que vegetou qual mendiga, na cidade dos gênios e heróis do pensamento. Na Paris que endeusou Georges Cuvier e execrou Jean-Baptiste de Lamarck.

Algumas décadas depois, Charles Darwin assombrava o mundo com a sua *Origem das Espécies*, onde dava novo fundamento à Teoria da Evolução, a seleção natural ditada pela luta pela existência – *Struggle for life*.

Surgindo em 1859, a *Origem das Espécies* inflamava os Espíritos e dividia os sábios, mas, Charles Darwin, alma sensível, uma mistura de Buda e Léon Tolstoi, no seu entranhado amor pela natureza, era um tímido.

Cauteloso, não fora tão incisivo quanto Oken e Lamarck, Comte e Schopenhauer, mesmo Lineu e Buffon, ao abordar o problema da ancestralidade do homem. Apenas uma única afirmação em todo o livro, cuja primeira edição se esgotou no primeiro dia. Também será lançada a luz sobre a origem do homem e sua história.

A timidez de Darwin desagradou tanto aos seus amigos quanto aos inimigos. É que uns esperavam dele uma admissão corajosa da origem simiesca do homem, enquanto outros esperavam uma declaração peremptória de que o homem não descendia do macaco e sim de Deus.

Mas Darwin se manteve em silêncio e, embora considerado o pai da tese de que o homem descende do macaco, nunca o disse explicitamente. Talvez por isso mesmo, graças à sua sutileza, tenha provocado tão grande celeuma.

Charles Darwin tinha horror quase físico às discussões e evitava os clubes científicos. Ele havia exposto a sua doutrina amadurecida durante quarenta anos de pesquisas, que a aceitassem os que quisessem os já libertos do preconceito científico.

E, porque Darwin permanecesse ausente das querelas, quem lhe assumiu a defesa e se fez o campeão do Darwinismo foi o filósofo Thomas Henry Huxley.

Huxley, esse sim, tinha o gênio dos argumentadores argutos e arrancou da espada e encostou literalmente na parede os cientistas e mais as Igrejas escandalizadas. Destemido e obstinado, no Museu da Universidade de Oxford, falou perante um auditório dos mais eminentes sábios da Inglaterra.

Darwin não estava presente à reunião, mas presente estava o seu mais fanático adversário, o Bispo Wilberforce, de Oxford, naturalista eminente e plenamente capaz de terçar armas com Huxley, o incansável teorista da descendência do macaco.

E, quando Huxley discorria, já com a metade da assistência a seu favor sobre a origem das espécies, eis que o Bispo Wilberforce, desprezando cânones científicos, normas de raciocínios, mas, sobretudo pisoteando as regras do bom tom, interrompe-o com a pergunta mais descabelada que se poderia fazer num ambiente de seriedade científica.

Com o perigo de que o senhor me esfacele, falou o Bispo Wilberforce, *eu gostaria de saber, ilustre professor doutor Huxley, se o senhor acredita que descende realmente do macaco. Se acredita, então me interessa outra coisa, o macaco vem pela linha dos antepassados do senhor seu avô ou da senhora sua avó?*

Com tamanha falta de objetividade o desabusado Bispo se desarmava perante a inteligência chistosa de Huxley, que redarguiu incontinentemente à grosseria:

É minha firme convicção, falou ele, e aqui a mantenho de público, que o homem não tem porque se envergonhar de um ancestral simiesco. Para mim, Excelência, e olhou imprudentemente para Wilberforce, só há um tipo de antepassado que me envergonharia, um diletante que se metesse a discutir matéria científica de que não entendesse patavinas.

Compreende-se porque o compassivo, bom e honrado Darwin tanto evitasse as discussões acadêmicas. Mas, Huxley ganhou a partida em favor de Charles Darwin que pôde contemplar ainda em vida, a Teoria da Evolução, a vitória da Teoria da Evolução.

Muitas gerações mais tarde, em 1925, para ser exato, em Dayton, obscura localidade do Estado de Tennessee, nos Estados Unidos da América do Norte, um jovem mestre escola, John Scopes, era acusado judicialmente por ter falado aos seus alunos sobre a paleoantropologia e a origem das espécies.

É provável que, muito de propósito, o jovem mestre Scopes tivesse esquecido que no Tennessee continuava em vigor uma lei que proibia qualquer menção da Teoria Darwinista nos estabelecimentos de ensino público.

Ora, se os maiores naturalistas dos Estados Unidos pregavam a Teoria da Evolução nas Universidades, por que raios Scopes deixaria de informar os meninos camponeses americanos sobre a luta pela existência do homem-macaco de Javam recentemente descoberto por Dubois?

Mas, um inspetor puritano do ensino local denunciou a infração de Scopes e, durante uma semana, um bravo Juiz rural, que talvez nunca tivesse ouvido falar de Charles Darwin, folheou os Estatutos do Tennessee. Convencido de que, de fato, o jovem professor havia infringido uma Lei, decidiu-se a dar uma escovadela naquele mocinho atrevido que andara impingindo histórias de macacos a inocentes crianças.

Instaurado o processo, a cidadezinha de Dayton tornou-se célebre da noite para o dia. Se, de um lado intervinha o próprio Governador do Tennessee declarando inofensiva a Teoria da Evolução e se Cientistas de todo mundo exigiam energicamente a liberdade de Scopes, de outro lado, os lavradores, os negociantes de gado, os pequenos burgueses e os membros das mais variadas seitas religiosas exigiam com igual energia, a condenação do criminoso.

Do lado dos acusadores postou-se William Jennings Bryan, o mais feroz Promotor Público da América, inimigo acirrado dos Pesquisadores, dos livres pensadores, dos negros e dos macacos. E Clarence Darrow, o mais hábil advogado de toda a América assumiu a defesa do acusado da Ciência e dos Símios.

Com isso, Scopes passou a ser figura secundária no processo, o que interessava mesmo saber era a questão das questões, a origem do homem, com quem afinal estava a razão: com a Bíblia ou com a Biologia?

E os cidadãos de Dayton queriam que o magno problema fosse resolvido ali mesmo, de uma vez por todas, sob o nariz de um Juiz rural e uma dúzia de jurados camponeses.

Se muita gente boa teve serenidade para esclarecer que, em última análise, a Gênese Mosaica concordava com os dados da pesquisa biológica, não houve

provas que convencessem disso o Promotor Bryan e os puritanos de Dayton. Não havia compromisso possível entre o torrão de barro e o macaco, entre Adão e o Pitecantropo.

Durou doze dias o famoso processo dos macacos de Dayton. Vendiam-se lugares no câmbio negro e lá fora havia música de Jazz, havia danças e barracos de venda, havia cantos corais, havia gritos e urros, berros e brados, havia histeria coletiva, havia profetas improvisados que, de cima de caixotes, excomungavam Darwin, enforcavam Scopes simbolicamente e amaldiçoavam os macacos.

E como só vai acontecer sempre nos States, o famoso processo contra a Ciência transformou-se num autêntico carnaval. Foi tal a algazarra dentro da sala também, que as tábuas do assoalho rangeram e acabaram quebrando. O mobiliário foi feito em pedaços e o julgamento teve que prosseguir a céu aberto, debaixo da paixão e da fúria da turba que, por essa maneira muitas vezes civilizada, pretendia negar o seu parentesco com os macacos.

Quando o acusado se levantou para justificar sua atitude perante os jurados, choveram-lhe à cabeça, latas de conserva, garrafas vazias e pedaços de excrementos. Nem Darrow escapou à tormenta e, pela primeira vez em toda a sua vida profissional, o hábil advogado abandonou em meio à contenda, não sem antes ouvir uma série de insultos e palavras obscenas.

Scopes foi declarado culpado. O Juiz rural condenou-o a uma multa de cem dólares, penalidade insignificante para os fanáticos de Dayton que já lhe reclamavam a cabeça.

Mas, a Ciência também perdera a causa e naquele dia, milhares de homens e mulheres se ajoelharam em Dayton e entoaram salmos. O homem não descendia do macaco e sim de Deus. No dia seguinte, irrompeu na localidade uma epidemia de tifo e fez mais de cem vítimas. Fosse como fosse, a grotesca ocorrência da cidadezinha rural de Dayton foi o último protesto isolado contra a nova concepção histórica.

A Ciência permaneceu evolucionista, todavia, em face dos acontecimentos de Dayton, pode se dar razão ao antropologista norte americano quando asseverou: *Todo macaco que se preza, rejeitaria qualquer pretensão a uma origem comum com o homem.*

De Darwin até nossos dias, a concepção evolucionista das formas de vida, tem sido muitas vezes refundida, modificada, ampliada, melhorada. A Paleoantropologia é, paradoxalmente, uma Ciência dinâmica em perpétuo evoluir e as hipóteses se têm sucedido umas às outras.

Mantêm-se, entretanto, o cerne da doutrina. Para a Ciência não prevalecem dúvidas quanto à origem animal do homem. O homem tem também uma longa história, partiu de forma de vida que ainda não eram seres humanos e passou nessa evolução por uma fase crítica que hoje se faz recuar há vinte milhões de anos, passou por uma transição entre o animal e o homem.

A massa cinzenta de células que constituem o cérebro, essa substância decisiva para o mundo e criadora de mundos, existe já em todos os mamíferos, no homem, contudo, ela se tornou a estação central que controla não apenas os

órgãos e os movimentos, senão ainda as condições do meio e toma decisões independentes.

O homem pensa e mais do que pensa, julga. Foi lentamente expulso do abrigo quente da animalidade onde todas as espécies se acomodam pela repetição de um modelo fisiológico. Foi lentamente expulso do abrigo quente da animalidade para o frio gélido da auto-responsabilidade.

Essa expulsão gradativa do homem da ambiência puramente animal tem sido reconstituída pela Ciência através de achados e escavações assombrosos, mas a transição, ou seja, os motivos últimos que determinaram a transição são ainda um grande mistério.

De qualquer modo, não mais se pergunta: *Que é que falta ao animal mais semelhante ao homem, o macaco, que não pode tornar-se homem?*

Hoje se quer saber: *Que é que falta ao homem que não pode permanecer animal?*

Falta-lhe muito, garante a Ciência. O homem é precisamente uma criatura falha, biologicamente falha. Sem adaptações instintivas, nem equipamentos especializados. Forçado a criar para si roupas e instrumentos que os animais recebem da natureza.

Ele não é completo, biologicamente completo, fixo num determinado trilha como um antropoide adulto, ao contrário, mantém-se a vida toda um ser em evolução. Essa ausência de especialização terá sido o móvel que determinou a transição entre o animal e o homem.

Dos primatas arcaicos, o menos especializado há de ter sido o arquétipo para uma evolução independente do homem, paralela à dos antropoides, o gorila e o chimpanzé, que evoluindo de um ancestral comum extinto terão surgido muito depois que os proto-homens e os semi-homens já haverem encetado a sua marcha para a humanização.

Esse primata fóssil pouco especializado é um estranho macaco primitivo que a Ciência descobriu e batizou Proconsul, descendente por sua vez, de um gibão primitivo, pois que todos os pré-antropoides arcaicos, cujos restos mortais foram encontrados na Europa Central, no Egito e na África Oriental eram pré-gibões.

Calcula-se em vinte milhões de anos a idade do Proconsul, muito mais velho, portanto, do que todos os antropoides pré-chimpanzés e, no entanto, o Proconsul era muito mais humano do que esses. Já carecia das arcadas superciliares, dos braços de acrobatas e dos pés preenses e sobre certos aspectos constitui ainda o elo de ligação com os macacos inferiores.

Ao tempo em que o Proconsul viveu sobre a Terra, há vinte milhões de anos, não havia florestas densas na região da Bacia do lago Vitória onde foi descoberto. Ele era, sem dúvida, um hábil corredor das savanas que andava de quatro nos descampados entre os grupos de árvores, mas, que já podia andar ereto quando necessário, e precisamente a postura ereta é o requisito necessário e fundamental para o desenvolvimento humano do cérebro. Sua aquisição representa, pois, a primeira etapa decisiva na longa fase de transformação em cujo término foi transposto o Rubicão entre o animal e o homem.

Mas, uma vez transposto o Rubicão, o homem conservou ainda consigo o atavismo da animalidade. O animal nele não pôde ser totalmente suplantado, o que faz do homem, no dizer dos psicanalistas, uma criatura esquizoide.

E o interessante é notar que todos os primatas, os lêmures, os macacos autênticos e os antropoides apresentam esses traços esquizoide de caráter. Dir-se-ia que não mais querem ser animais e de fato, do ponto de vista psíquico e intelectual, não mais o são, propriamente, naquele sentido do resto dos mamíferos.

Quando um macaquinho de um tocador de realejo coleta dinheiro para o seu dono, escreve Fritz Kahn, em *O Livro da Natureza*, ele o faz com gestos humanos e com um olhar que não se poderá esquecer ainda que se passem cinquenta anos e se tenham fitado os olhos, algumas vezes leais, mas na maioria dos casos falsos, de vinte mil homens.

Nesse olhar profundamente melancólico dos macacos, que diz mais do que dez frases decoradas de um garoto pedinte, continua Fritz Kahn, estão estas palavras significativas: *Os primatas não são animais*. O que ali se nos depara é algo mais do que existe no mais fiel dos cachorros. Através daqueles olhos, vemos a alma de um ser que ficou no meio do caminho para a humanização.

Essa inquietação esquizoide, essa ânsia intelectual de emancipação da natureza levou, sem dúvida, alguns primatas fósseis que não haviam se especializado como acrobatas, que não se haviam adaptado, passivamente, a uma vida de acrobatas vegetarianos, levou-os às savanas descampadas.

Ali tiveram que erguer-se, de correr sobre duas pernas e as mãos se tornaram livres para outras atividades. Espalhados pelas espécies havia paus e ossos, eles podiam apanhá-los e com a sua ajuda derrubar os frutos das árvores.

O uso das pedras e ossos longamente exercitados aumenta-lhes então. Progressivamente, a consciência da sua superioridade sobre os outros animais aos quais podem abater. Tornam-se arrogantes e cruéis, lambem o sangue do animal abatido, agradam-se e passam a conhecer o gosto da carne e o prazer da caça.

Novos métodos de abate de caça são aprimorados e aquele que pode fazer todas essas coisas não mais se sente animal, olha com desprezo os antropoides comedores de frutas da floresta virgem e, lentamente, se vai cavando um abismo entre o estranho habitante das savanas, capaz de empregar a recém adquirida razão para o bem e para o mal e os primatas da floresta virgem, a quem devoram e que conserva ainda a sua primitiva inocência intelectual.

E, quanto mais o homem recém-nato prova da árvore do conhecimento e da vida, tanto mais largo e mais fundo se vai fazendo o abismo. Quando aumentaram as células cinzentas do cérebro dos primatas de porte ereto, quando mãos hábeis empunharam os varapaus, a Humanidade nascente enveredou por um caminho obscuro e perigoso que não é ladeado apenas por ações inteligentes, descobertas e invenções, mas, sobretudo, por crimes, maldades e violências.

Do esquizoide, animal superior, resultou um ser que traz em si o céu e o inferno, acentua Herbert Wendt em sua obra *A Procura de Adão*. E Wayne comenta amargoso: *Nenhum macaco mata, assa e devora os membros da*

própria espécie. Isso é humano, desgraçadamente humano. Seria muito mais bonito, prossegue ele, considerar o ato de Prometeu como o primeiro da Humanidade nascente, mas, não se pode deixar de antepor-lhe o ato de Caim.

É duro, mas é verdade. O que mais trabalhou o cérebro humano, obrigando o homem a evoluir, foi o instinto de crueldade, a ânsia de matar usando de periculosidade e astúcia, porque de força bruta carecia. A arma mortífera e ideal se tornou, desde logo, para ele a pedra trabalhada e dos primitivos esteroides passou-se para os machados de sílex e os instrumentos perfurantes e cortantes. O homem iniciava, agora, mais celeremente a sua dramática trajetória para a civilização.

Falha-nos a imaginação para fazermos ideia do espaço formidável de tempo em que se operou essa transformação, em que teve lugares e acontecimentos, o maior e mais maravilhoso da História da Terra.

Para tanto, devemos recorrer a comparações. Se, à maneira dos Paleontologistas, reduzirmos o período que decorreu da aparição dos antropoides até hoje a um dia de vinte e quatro horas, poderemos facilmente deduzir a longa fase de humanização. Desde a evolução do porte ereto até a utilização do fogo, exigiu cerca de quatrocentas mil a seiscentas mil gerações. Isso equivale a um período de doze a vinte milhões de anos ou, por comparação, a um período de doze a vinte horas num dia de vinte e quatro horas.

Ainda comparativamente, poderíamos afirmar então que pelas cinco horas da manhã apareceram os Procônsoles semi-eretos. Levou dezessete horas para que deles resultassem os semi-homens utilizadores de armas. Meia hora depois entrou em cena, ou seja, às vinte e duas horas e trinta minutos, entrou em cena o Adão de Robinson, o filantropo e meia hora depois, o Prometeu, conhecedor do fogo.

Pelas vinte e três horas e trinta minutos apareceram os proto-homens, como o de Pequim; pelas vinte e três horas e cinquenta minutos, os homens de Neandertal, pelas vinte e três horas e cinquenta e cinco minutos, as raças de Cro-Magnon e, finalmente, pelas vinte e três horas e cinquenta e nove minutos, as raças humanas atuais.

Quer isso dizer que, comparativamente, nossa civilização equivale, na duração total da humanização, a um minuto num dia de vinte e quatro horas. Tudo que se pensou, criou e realizou nesse único e decisivo minuto da Humanidade.

Desde a construção das Pirâmides do Egito, passando pelas epopeias de Homero, a tragédia de Shakespeare e as sinfonias de Beethoven até a Física Quântica e a Teoria da Relatividade, tudo que se pensou, realizou e criou neste único minuto, assenta nas prévias vinte e três horas e cinquenta e nove minutos em que seres humanoides aprenderam pouco a pouco, numa lentidão exasperante e interminável, a princípio, e depois cada vez mais depressa, a pôr-se ereto e a usar as mãos. Aprenderam a utilizar o fogo, expandiram o poder da mente e começaram a fabricar instrumentos de pedra e osso.

Alfred Russel Wallace, emérito cientista e pensador inglês, foi um dos muitos homens que ajudaram a levantar o edifício da Paleoantropologia. Foi um

daqueles que se atreveram pela pesquisa na tentativa sub-humana de derrubar a muralha da ignorância e o preconceito, a botar abaixo a anedota bíblica de Adão e Eva num dilúvio, não bíblico, porém científico, de dados, fatos, provas e raciocínios, mas Alfred Russel Wallace, paladino do Darwinismo, um dos quatro grandes cientistas a carregar as alças do caixão fúnebre de Charles Darwin, Alfred Russel Wallace foi um dos únicos sustentáculos da nova Ciência do homem, senão o único, que se bandeou na segunda metade do século XIX para um outro movimento de ideias tão vasto e arrojado quanto o primeiro, que já varria o pó das Academias.

Muito cedo, Wallace parece ter compreendido que a gênese orgânica se poderia aliar à gênese espiritual. A evolução do princípio material, mercê da transmutação das espécies, acompanharia a evolução do princípio espiritual de que depende. Numa palavra, a gênese anímica condicionaria e determinaria a gênese orgânica.

Pela mesma época, os preceptores espirituais, sob a inspiração do Espírito Verdade forneciam ao Apóstolo de Lyon esclarecedora resposta à questão 607 de *O Livro dos Espíritos*. *Tudo em a natureza*, diziam as Inteligências Ocultas, *se encadeia para a unidade* por elos que não podeis ainda perfeitamente apreender.

As coisas aparentemente mais díspares têm pontos de contato que o homem, em seu estado atual, não chega a compreender. O princípio inteligente, continuavam os Espíritos, o princípio inteligente, distinto do princípio material, individualiza-se e se elabora, percorrendo os diversos degraus da animalidade cuja totalidade estais longe de conhecer.

Nesses estágios primitivos, a alma se ensaia para a vida e desenvolve suas faculdades latentes pelo exercício até que, chegada a um índice X de evolução, assenhoreia as faculdades especiais que constituem o patrimônio imortal do Espírito humano.

É esse, de certa forma, prosseguiam os Espíritos, um estágio preparatório qual o da germinação por efeito do qual o princípio inteligente sofre uma transformação e se torna Espírito, conforme o entendeis.

Entra então, no período da humanização, começando a ter consciência do seu eu, do seu futuro imortal e adquirindo a capacidade para distinguir o bem do mal e a responsabilidade de seus atos.

Assim, à fase da infância segue-se a da adolescência, vindo depois a da juventude e da madureza espirituais. Nessa origem obscura, coisa alguma há de humilhante para o homem. Sentir-se-ão, porventura, humilhados os grandes gênios por terem sido fetos informes nas entranhas que os conceberam?

Se alguma coisa há que lhe seja humilhante, concluíam os Espíritos, é a sua inferioridade perante Deus e a sua impotência para sondar-lhe a profundidade dos desígnios augustos e para apreciar a sabedoria das Leis que regem a harmonia do Universo.

Reconheci a grandeza de Deus nesta admirável harmonia mediante a qual tudo é solidário em a natureza.

Acreditar que Deus tenha feito seja o que for, sem um fim, ou criado seres perfectíveis sem futuro, fora blasfemar da Sua bondade que se estende equanimemente por todas as criaturas.

Darwin e seus sucessores haviam concebido a hipótese da criação corporal, do protozoário ao homem, em lento processo de evolução, que exigiu quinhentos milhões de anos de penosas experiências, desde as primeiras formas unicelulares de vida até o presente.

E a nova ordem de ideias que se propunha sacudir a concepção materialista do Universo suscitava agora a hipótese da evolução espiritual, ditando, comandando, determinando e condicionando a filiação corporal.

Explicavam-se assim, pela intervenção do fator Espírito para a evolução da matéria, a grande transição entre o animal e o homem, a evolução do porte ereto, o desenvolvimento humano do cérebro e o advento da consciência para distinguir o bem do mal.

E, enquanto os credos religiosos do passado se esboroavam nos socavões escuros da dúvida e da contradição, a Doutrina nascente encarava a Ciência materialista de frente e destruía a negação de Deus com a sua afirmação sobre bases novas e mais legítimas. A Teoria da Evolução das formas não invalidava o espiritualismo, antes o corroborava e ganhava um entendimento mais amplo, transferida que era para o plano imortal da vida.

Friedrich Hebbel escreveu: *Seria bom que o homem se ocupasse mais com sua história natural do que da história de suas façanhas*. Efetivamente, o século XIX surpreendeu o homem mergulhando para dentro de si mesmo, maravilhado com a massa de que é feito. Merece observado e realçado que, tão logo as Ciências físicas e naturais cresceram no acumular das pesquisas e descobertas, quis o homem ultrapassar as fronteiras materiais que lhe delimitavam o mundo interior e prosseguiu sua devassa, escavando no oceano de si mesmo à procura do Espírito.

O século XIX, que elevou a primeira rama das cogitações intelectuais, a Embriologia, a Bacteriologia, a Zoologia, a Antropologia, enfim, seria conduzido em avalanche no propósito de solver os mais íntimos porquês do supremo mistério da vida.

E assim nasceu a Ciência do Espírito, quase sozinha, a terçar armas contra o materialismo, o agnosticismo, o mecanicismo, fatos contra fatos, provas contra provas e o Espiritismo nascia.

Como sói acontecer a todas as Ciências novas, volta qual bastardo da mãe sabedoria humana, à maneira de todas as outras Ciências, o Espiritismo que nasceu da Ciência do século XIX teve também seus percalços, suas contradições, seus erros, seus aspectos grotescos, suas paradas bruscas e seus súbitos renascimentos.

Desde os precursores, seus mártires, seus santos e seus sábios. Teve seu Jean-Baptiste de Lamarck, mártir e precursor, no sueco Emanuel Swedenborg, gênio universal, um Da Vinci nórdico que meteu o nariz atilado em todos os ramos da Ciência e que, depois de consagrado pela Ciência oficial, não hesitou em se vestir de ridículo ao revelar ao mundo os seus transportes mediúnicos e

suas ingressões no mundo espiritual. Um céu tão humano e tão semelhante ao nosso mundo que não tardou se escancararem as goelas ortodoxas engargalhadas de mofa e gritos de excomunhão e anátema.

Teve seu Georges Cuvier, na Ciência e no Clero organizados, nos Templos e nas Academias, na calúnia e na injúria, nas portas fechadas e no descrédito oficial.

Teve seu Charles Darwin, apóstolo e consolidador, no francês Hippolyte Léon Denizard Rivail, imortalizado sob o pseudônimo de Allan Kardec, que por amor à verdade não recebeu assumir a paternidade de uma Doutrina execrada que será para muitos, execranda e execrável.

Teve seu Thomas Henry Huxley, na gama infindável dos pesquisadores e pensadores que, sobretudo em quatro nações, França, Inglaterra, Itália e Alemanha, não pouparam esforços para introduzi-lo na pauta das discussões acadêmicas.

E têm tido num século de árdua escalada seu processo dos macacos de Dayton, em toda a cidade, em todo o país, em toda a parte com o seu John Scopes no banco dos réus, um visionário arrojado passando por louco, charlatão e herege demoníaco, impostor e imbecil.

Tanto quanto eu conheceis o que tem sido a marcha do Espiritismo durante um século de lutas por seu reconhecimento e confirmação. Como eu, tendes representado a parte do louco, do charlatão, do herege, do impostor, do demoníaco e do imbecil. Como eu, fostes obrigados, muitas vezes a sustentar vossas convicções em público ainda nas circunstâncias mais adversas.

Sabeis o que tem sido em lutas e sobressaltos, angústias e dissabores, avanços e recuos, a trajetória da Doutrina Espírita, de Kardec até nossos dias.

Eximo-me de historiar o que conheceis de sobejo, mesmo porque, até aí nada há que nos possa trazer inquietação. Desde que o homem é homem, desde que aprendeu a sustentar a cabeça sobre os ombros e se pôs a pensar, desde que começou a escrever a História da sua epopeia viva, outro não tem sido o caminho de todas as ideias novas.

O progresso nunca veio sem esforço, nunca se atingiu um novo estágio sem luta. O jornada de homem sobre a Terra é uma fração modestíssima dos dois bilhões de anos de existência do nosso Planeta e, se tanto ele conseguiu em tão pouco, é de se supor que muito mais ele alcance eternidade adentro.

Não se pode sequer suspeitar da enormidade do destino do homem, considerando o pouco que caminhou e o muito que a razão nos diz tem ainda a percorrer. Do homem ao anjo, quantas lágrimas há de chorar, quantas guerras por desferir e vencer e se todo o sistema novo de ideias não venceu no mundo sem sofrer oposição e resistência, por que é justamente esta oposição do meio que condiciona o progresso e nos impele para o mais além? Se todo sistema novo de ideias não venceu sem sofrer resistências para garantir a sua vitória, por que aconteceria coisa diferente ao Espiritismo?

Não há, pois, porque se preocupar com a trajetória de lutas da Doutrina Espírita, desde Kardec até nossos dias. Mas, há uma coisa que me preocupa sobremodo e talvez nisso não tenhais ainda pensado. Sabeis que toda Ciência

surgiu apoiada, aliás, sabeis que toda a religião surgiu apoiada na Ciência de sua época. Sempre foi assim e sempre aconteceu que a aliança entre a religião e Ciência pouco durou, porque as religiões desde logo se esterilizam, se sectarizam, cristalizam-se em dogmas augustos, axiomas ilógicos e mistérios impenetráveis, enquanto a Ciência, não sem grande dose de sacrifício, dela se destaca outra vez e corre em busca de horizontes sempre mais distantes.

É curial, igualmente, que a religião nasceu do medo, pelo medo ainda as seitas religiosas se mantêm e é também pelo medo do desconhecido que o homem a elas se agarra. E de pouco tem valido afiançar-lhe de que o medo é descabido ou que a religião como até aqui tem sido concebida é um estulto ilogismo.

Veem-se sábios eminentes encarnar a própria negação de suas teorias científicas quando lhes toca a vez de renderem-se ao cerimonial litúrgico de sua facção religiosa. Habitou-se a ver na religião alguma coisa de sobrenatural que, mesmo em contradição flagrante com toda a realidade, deve ser mantida em nome da fé. Afirma-se que a fé não pode ser objeto de raciocínio. Antes, escapa a tudo que a razão estabelece e preceitua.

Nada mais falso. Allan Kardec, obstetra sublime, ao extrair com o fórceps da lógica a Filosofia Espírita das entranhas da mãe sabedoria humana, já frisava que a Ciência e a Religião devem ser as duas alavancas da inteligência do homem. Uma revelando as leis do mundo material e a outra desvendando as leis do mundo moral, sem que se possam contradizer, sob pena de resultar uma racional e a outra necessariamente irracional.

Quando Allan Kardec destronou a fé cega e apregooou a fé raciocinada, ou quando acentuou que o Espiritismo será científico ou não subsistirá, impôs aos seus seguidores e adeptos uma norma de raciocínio que não pode ser traída, sem o perigo de esfacelar-se a aliança, Ciência, Religião e Filosofia, o aspecto tríplice do Espiritismo, seu substrato e pedra angular.

Ele decerto pressentiu que a ignorância e o fanatismo conspirariam contra o invulgar casamento entre a Religião e Ciência e acabariam por desencadear o divórcio, desvirtuando o Espiritismo e mesmo o destruindo por falta de objeto. Essa conspiração, a meu ver é evidente, resta saber de quem parte a conspiração.

Quando Charles Richet ao contrário de Cesare Lombroso, Willian Crookes e Oliver Lodge, expoentes máximos da Ciência do século XIX, que se declararam espiritistas convictos, quando Charles Richet, ao contrário deles, preferiu assumir uma posição de prudente reserva, ante uma teorização que lhe pareceu precipitada por ainda não suficientemente provada e escreveu seu Tratado de Metapsíquica, ignorava por certo que com isso criasse um movimento paralelo ao Espiritismo, ainda nos seus primórdios.

Se sua atitude de muito serviu para desembrenhar os fenômenos medianímicos do capítulo da nigromancia, também é certo que a sua relutância em aceitar a sobrevivência individual encontrou melhor eco nas Academias Científicas do que a capitulação total de Willian Crookes, o grande sábio inglês, que se atreveu a escrever em 1872, que existem fantasmas cujo coração se pode auscultar e quem podem ser fotografados.

A Ciência oficial preferiu a covardia de Richet ao heroísmo de Crookes. Riu-se a mais não poder com o famoso físico inglês e acolheu de braços abertos o não menos célebre fisiologista francês.

Assim se inaugurava um novo ramo científico, a Metapsíquica que, graças posteriormente ao pioneirismo dos professores universitários norte-americanos, William McDowell e Joseph Banks Rhine, viria transmutar-se na atual Parapsicologia.

A moderna escola, desde logo, tratou de afastar de suas cogitações o problema de saber se o Espírito sobrevive ao corpo e passou a procurar resposta para uma nova pergunta: *A mente transcende a matéria?*

A resposta obtida, posso afiançar sem medo de errar, é afirmativa. Hoje se sabe que a mente transcende a matéria, por transcender as limitações do espaço e do tempo.

A Parapsicologia ensina que a conduta do homem, se bem esteja condicionada ao mundo material, não é por este determinada, ensinando igualmente que afora as necessidades biológicas, tem o homem necessidades espirituais que, em certos indivíduos, são tanto ou mais intensas do que as primeiras.

Durante o século XIX, os conceitos filosóficos do materialismo se enraizaram na consciência do homem como resultado da sua luta pelo domínio integral da realidade material. E sob esta base fez a Ciência notáveis progressos, mas, desligou-se por completo dos problemas éticos e as questões fundamentais como os fins e valores da vida foram relegados ao domínio da Religião.

Dessa atitude dos cientistas resultou que a unidade do homem, o animal racional de Aristóteles, ficou cindida em duas partes, animal de um lado e racional de outro. Uma Ciência desprovida de ética tomou a seu encargo o estudo do corpo e suas leis biológicas, e uma Religião desprovida de conhecimentos positivos, com escassos argumentos persuasivos e por meio de um procedimento ilógico e fé autoritária pretendeu prescrever ao homem moldes rígidos para os fins e valores da vida.

O século XIX foi assim materialista porque a Ciência, afastando-se dos problemas éticos, ocupou-se exclusivamente do mundo material, que é apenas um dos aspectos da realidade total.

Hoje, todavia, a Parapsicologia vai pondo em crise o dogmatismo materialista da Ciência e a técnica moderna põe o homem em contato com aspectos da realidade até então insuspeitados, donde o próprio conceito tradicional de matéria perde o seu sentido e a sua razão de ser graças, sobretudo, à Física Nuclear e à Teoria da Relatividade.

Provando que a mente transcende a matéria, ou seja, que a mente não está circunscrita ao corpo, a Parapsicologia, por consequência lógica, está igualmente a um passo de admitir que o Espírito sobrevive ao corpo, em que pesem as declarações do Professor Padre Gonzáles Quevedo, que torce os argumentos a favor de sua Igreja.

A Parapsicologia está a um passo de admitir, por consequência lógica, que o Espírito sobrevive ao corpo. A Ciência vai perdendo igualmente o seu

dogmatismo e o Espiritismo aos poucos vai ganhando a sua confirmação perante a Ciência do nosso tempo.

Quando Charles Richet, pois, inaugurou um movimento paralelo ao Espiritismo, ainda nos seus primórdios, não poderíamos ainda suspeitar que a Parapsicologia viesse a representar para nós, no século XX, um desafio.

Não podemos dizer que os espíritas devemos temer a Parapsicologia, antes cabe estudá-la. Isso não quer dizer substituir o Espiritismo pela Parapsicologia, porque são Ciências distintas que, embora partindo do exame dos mesmos fatos chegam, por enquanto, a conclusões nem sempre idênticas.

No entanto, a possibilidade da sobrevivência da alma após o trespasse é admitida logicamente, se bem que não ainda, cientificamente, por muitos parapsicólogos. Mas, prosseguem em suas pesquisas à cata de novas provas como a recapitular, por outros métodos, tudo aquilo que os pioneiros do Espiritismo já conseguiram há um século atrás.

Enquanto os modernos parapsicólogos não conseguem provar, cientificamente, a sobrevivência e mesmo muitos deles, por preconceito, não o querem conseguir, encaram o Espiritismo, não raro com certo desprezo, dizendo-o uma Doutrina de forte poder persuasivo e atraentes consequências éticas nas quais se conciliam os princípios cosmogônicos Orientais e a ideia do carma, como conceito cristão da caridade, entendida esta no sentido do amor a Deus e ao semelhante sem distinção de crenças.

Tal definição, estampada no Conselho de Parapsicologia, à guisa de ser depreciativa para o Espiritismo, a mim me pareceu, não apenas razoável, senão até desvanecedora, tivesse ela acrescentado que o Espiritismo tem efetivamente por base a experimentação científica dos fatos do parapsiquismo e estaria quase completa.

Não obstante, têm os parapsicólogos modernos, na sua grande maioria, indisfarçável aversão ao Movimento Espiritista. Consideram que nós, os espíritas, não obstante os haveremos precedido no caminho da investigação, procedemos a uma verdadeira apropriação indébita do objeto de sua Ciência para sobre ele erigirmos uma Doutrina que nada tem de científica.

Talvez, por isso mesmo, tardam tanto em proclamar abertamente, qual o fizeram os seus predecessores, a sobrevivência da alma após a morte. Terá, todavia, fundamento essa versão dos parapsicólogos? Eu, particularmente, acho que sim. E é justamente aqui que eu queria chegar.

Ora, com o Espiritismo completamente desvirtuado na França, berço de Allan Kardec e em toda a Europa, desfigurado nos Estados Unidos da América do Norte, pátria das Irmãs Fox e confinado a pequenos grupos de boa vontade no resto do mundo; quando Congressos Internacionais de Espiritismo se resumem a um conglomerado de delegados medíocres de déficit de alarmante pobreza intelectual; quando se erguem, em muitos países, igrejas espíritas com bispos, pastores e coisas assim; quando o mediunismo pago vai solapando as bases de uma Filosofia que nasceu nobre; quando a orla dos fanáticos substitui os pensadores equilibrados e capazes em nossas hostes, que se há de esperar da Parapsicologia, hoje uma Ciência reconhecida nos Estados Unidos, em toda a

Europa, notadamente na Holanda, na União Soviética e até na Argentina? Que se há de esperar senão o repúdio e a aversão?

Direis então que no Brasil o Espiritismo vai muito bem, obrigado. No resto do mundo, vimos que o divórcio de que vos falávamos de Ciência e Religião já não é eminente, é coisa consumada.

A Ciência prossegue e o Neo-espiritualismo como mais uma entre milhares de seitas religiosas estaciona e já vai criando sua organização hierárquica, seus títulos nobiliárquicos, sua organização sacerdotal, seus dogmas, seus templos e suas toleimas.

Direis, no entanto que no Brasil, o Espiritismo vai muito bem. Perdoai-me se já não posso partilhar o vosso otimismo. Não nego que a sementeira de Allan Kardec não se enraizou melhor em outra parte. Parece que a aclimação foi mais propícia entre nós. Numa centena apenas de anos, o número de adeptos do Espiritismo no Brasil multiplicou várias vezes. Núcleos espíritas se enraízam em toda a parte e forçoso é reconhecer, desde logo, tratando de construir a sua inscrição de Assistência Social e Educacional.

Há, em toda a parte no Brasil, uma preocupação constante de converter as Casas Espíritas em células dinâmicas de labor cristão, possuídas todas do ânimo de provar que nenhuma Doutrina quanto o Espiritismo faz o homem melhor, nem o torna mais indulgente e mais caridoso.

Isso é belo, isso é nobre, isso é louvável, isso meio que reedita a cruzada apostólica dos *homens do caminho*, mas, a par disso tudo, desgraçadamente, o que muita gente tem conseguido provar é que nenhuma Doutrina quanto o Espiritismo, quando mal entendido, faz o homem mais estreitamente religioso, mais fanático, mais apartado da realidade.

Cabe a culpa ao Espiritismo? É Allan Kardec o culpado?

Não, de jeito nenhum. Eu desafio quem quer que seja que me mostre existir na Codificação Kardequiana um único convite sequer ao misticismo desarrazoado a que muitos de nós se entregam.

Gradativamente se vão distinguindo duas correntes no seio do Movimento Espírita Brasileiro: uma racionalista, cuja convicção, sem desprezo da especulação experimental, deriva de cogitações filosóficas fielmente conduzidas pela razão dentro dos preceitos básicos ditados pelo Apóstolo lionense e outra, místico religiosa, cada vez mais numerosa a propagar-se incontrolavelmente entre as massas incultas e os incorrigíveis sonhadores.

E, por força da ignorância, organizam-se sessões mediúnicas na base da improvisação e do completo desconhecimento dos mais mezinhos princípios do Espiritismo, tão só para o efeito de ouvir as revelações dos Espíritos. Nasce, então, uma multidão enorme de gente que não sabe dar um passo sem uma conversinha com o guia fulano ou com o guia cicrano.

Desnecessário dizer que em circunstâncias assim, os médiuns, as mais das vezes, produzem fenômenos de puro automatismo subconsciente, respondendo a consultas. E as reuniões se desenvolvem num clima de fanática credulidade onde a mentalidade pré-lógica se expande sem teias e sem fronteiras.

Desencadeia-se a comédia dos erros e afirmações totalmente inverossímeis, porque provindas de uma hipotética personalidade espiritual são tomadas à conta de leis e tabus. Engendram-se sistemas filosóficos esdrúxulos à margem do Espírito Verdade. Ninguém mais estuda, ninguém mais quer ler Kardec, ninguém mais trata de pôr a cabeça sobre os ombros e raciocinar, mas, e cada um a querer ter o seu guiazinho particular que escreve versos de pé quebrado e dita normas éticas de impossível aplicação.

A leitura séria e proveitosa vai cedendo lugar à literatura com obras mediúnicas muitas vezes discutíveis e de fonte assaz duvidosa. E, surgem médiuns aos magotes. Erupções históricas de personalidades esquizoides passam a ser encaradas como manifestações santificantes de Espíritos Superiores, quase sempre rotulados com nomes respeitáveis. E cresce a dança dos fluidos e dos fluidinhos, com todo mundo a viver mais pra lá do que pra cá, não pra lá das fronteiras físicas do mundo mas, pra lá dos limites da razão.

Nascem médiuns aos magotes, sem qualquer orientação doutrinária, o estudo sério vai cedendo lugar ao misticismo desarrazoado.

Enquanto isso, desentendem-se os espíritas dentro do templo de trabalho, ciúmeiras e enciumados por todo o lado. Trabalho, solidariedade e tolerância só para aqueles que leem pela nossa cartilha e dizem amém aos nossos caprichos e exigências.

Quem se der ao trabalho de percorrer esse nosso imenso Brasil espírita, logo se aperceberá de que, infelizmente, guerras intestinas são o nosso pão de cada dia. Grupos se dissolvem e logo se multiplicam em dezenas de outros, cada um com sua orientação própria, sem o mínimo respeito pela unidade doutrinária.

Improvisam-se, da noite para o dia, Instituições de Assistência Social, desordenadamente, porque cada um quer aparecer individualmente e poder dizer ao mundo: *Eu sou o bom, eu penso nos pobrezinhos*. E, logo depois, essas Instituições estão mendigando para não fechar as portas porque não existe união, não existe fraternidade, não existe cooperação.

Recolhe-se das sarjetas as crianças órfãs a fim de se lhes dar um lar, mas, nada ou pouco se lhes ensina sobre a vida e, quando menos se espera, elas atingem a maioridade. Então, se tende a jogar fora porque não se sabe o que fazer com elas, nem elas sabem o que fazer com a vida.

Enquanto isso, o que é feito do nosso programa de reforma íntima? O que temos feito realmente em favor da nossa renovação interior e da renovação do meio em que vivemos pelo exemplo da nossa vida? *Reconhece-se o verdadeiro espírita pelos esforços que emprega na sua transformação para melhor.*

Somos hoje realmente melhores do que ontem? Essa vida fictícia que muitos de nós têm vivido, esse fanatismo sem peias e esse misticismo desarrazoado a que nos entregamos, essa ânsia muitas vezes de envergar prematuramente um par de asas, nos têm feito melhores, mais próximos do próximo, menos egoístas e mais caridosos?

Então por que tanta santarrice postiça, por que cogitarmos tão só de nos preparar para a vida futura dentro de uma maneira muitas vezes artificial e

irracional, na esperança colorida de sermos recebidos do outro lado com cânticos de anjos e chuvas de flores?

Se sabemos que a vida no além é tão só o prolongamento da vida na Terra, se há lá de tudo que há por aqui, se a Lei Suprema que preside a todas as relações e a todo o progresso é o trabalho; se tanto se trabalha aqui como lá, se ocupamos degraus evolutivos diferentes e não é assim sem cerimônia que avançamos na escala do infinito, se tudo se aperfeiçoa e evolui tanto cá como lá e se estamos presentemente na Terra é porque a Terra é o nosso local de operações. A Terra é o nosso lar coletivo e temos que fazê-la sempre melhor, temos que construir, soerguer, alevantar aceitando a Lei do bem não como mera recomendação ética mas, sobretudo, como condição de sobrevivência.

Não existe em Doutrina Espírita sobrenatural. A relação entre o nosso mundo e o mundo dos Espíritos é tão natural quanto às relações de homem para homem. Somos todos homens na Terra e no espaço e, embora em latitudes diferentes, a todos nos incumbe um só e mesmo dever: evoluir continuamente dentro da Humanidade porque a ela pertencemos na Terra ou no espaço.

Formamos uma só e universal família, temos superado juntos os mesmos obstáculos e como irmãos permaneceremos eternamente juntos.

Levanta-te e anda, disse o Cristo a Lázaro. O imperativo soberano a natureza nos impôs também quando nos foi buscar da inconsciência animal para a auto-responsabilidade. *Homem, levanta-te e anda*.

Atendamos, pois ao imperativo da natureza, atendamos ao chamamento da Providência, levantemo-nos e aprendamos a amar. Pertençamo-nos uns aos outros dando cada um a todos o que tem para dar, o que pode ofertar e não queiramos padronizar comportamentos, bitolar atitudes ou comandar raciocínios.

O Espiritismo respeita a liberdade de consciência e não impõe normas rígidas de conduta. O Espiritismo é a Doutrina da liberdade, que ensina o homem como libertar-se a si mesmo sem se sujeitar a quaisquer imposições exteriores, pois que os padrões éticos, impostos do exterior, nada influem sobre o íntimo da criatura e chegam muitas vezes a transtorná-la psiquicamente.

O Espiritismo é a Doutrina do amadurecimento da verdade e da razão, em que a criatura, esclarecendo-se a respeito dos fins e valores da vida, educa-se a si mesma sem medos, sem fobias, sem constrangimentos, por amor à liberdade, por amor à razão e por amor de Deus e por amor da Humanidade.

Disse-vos que há uma conspiração tramando nas sombras a destruição do Espiritismo. De quem parte então a conspiração? De nós mesmos que, por incúria, aos poucos vamos transformando a Doutrina dos Espíritos numa seita religiosa tão só, que pouco tem de Ciência e de Filosofia.

Espiritismo não é só Religião, Espiritismo é Ciência, é Religião, é Filosofia, conforme a conceituação básica. Ele que nasceu harmônico parece hoje sofrer de elefantíase, padece de hipertrofia do membro religioso e o que me preocupa então, é pensar que o Espiritismo estacione e retrograde como uma seita de fanáticos e irresponsáveis e a Parapsicologia, mais hoje ou mais amanhã, proclame abertamente o imortalismo e então nos venha encontrar aqui,

cobertos de cilício, de cinzas, celebrando o sacrifício da missa num ritual umbandista, vestindo guarda-pós brancos à guisa de batinas e entrouxando a imagem de Kardec num nicho iluminado por círios, entre São Jorge e Iemanjá.

Esse exagero todo, confesso que houve um certo exagero em exposição, não teve outro intuito que não o de patentear a nós mesmos a nossa imensa responsabilidade como cultores e detentores da Doutrina dos Espíritos. Devemos fidelidade a ela, temos de preservá-la, melhorando-a pelo estudo e pela pesquisa, jamais a amesquinhando, sem lhe diminuir qualquer dos aspectos.

Se estamos convencidos de que o Espiritismo de fato detém a maior soma de verdades relativas, não podemos temer o juízo da Ciência, desde que nos coloquemos dentro da seriedade, da razão e da sobriedade.

O Espiritismo nunca pretendeu ser uma Doutrina completa e acabada, mas é e será sempre uma Filosofia em perpétua ascensão. Cabe-lhe crescer com o homem e com as novas conquistas que se for integrando ao saber comum da Humanidade e se há de crescer com o homem, que cresça para cima, nunca para os lados. Que cresça qualitativamente e não apenas quantitativamente, que cresça para cima, nunca para os lados a receber adesões que não lhe convém e a incorporar práticas que sempre condenamos em movimentos puramente religiosos.

Há entre nós os que se preocupam excessivamente com o número e querem alastrar as fronteiras do Movimento Espírita, aceitando adesões que não nos convém, porque estamos fartos de saber que Espiritismo sem Allan Kardec, pode ser tudo, menos Espiritismo.

E, Espiritismo que é uma Doutrina nobre, com base científica, consequências filosóficas e aplicações religiosas não pode ser confundido com movimentos que de Espiritismo só têm o mediunismo nas suas manifestações mais primitivas.

Urge que acabemos com a preocupação do número, pois que, se tivéssemos medido sempre o valor das ideias pelo número de seus adeptos, ainda estaríamos vivendo na Idade da Pedra. São sempre as minorias que caminham na vanguarda do progresso e acabam por impor seus pontos de vista à maioria, porque quando os homens estão possuídos do fogo da verdade, nada há que lhes detenha o caminho e o avanço.

O Espiritismo, ou antes, nós espíritas, não podemos temer o juízo da Ciência, mas, devemos crescer qualitativamente para cima, ao lado da Ciência que deu à luz o Espiritismo e o alimenta. Atentemos todos para a nossa imensa responsabilidade e perguntemos se, de fato, temos sabido preservar a nossa Doutrina, se temos sabido preservá-la contra os enxertos disparatados e as aberrações grotescas. Perguntemos se temos mantido fidelidade aos postulados básicos da nossa Doutrina, melhorando-a no estudo ou se a vamos aos poucos transformando numa seita religiosa tão só, assumindo todos perante a vida, uma posição falsa, postiça, de fanáticos, incrédulos, incorrigíveis.

Atentemos para a nossa imensa responsabilidade, o patrimônio sagrado, a santa herança de Kardec está agora em nossas mãos e o futuro do Espiritismo depende da maneira com que hoje o orientarmos.

O Espiritismo será o que dele fizerem os homens, preceituou Léon Denis no começo do século [XX]. Atentemos, pois, para a nossa imensa responsabilidade. Costuma-se dizer que o Espiritismo não precisa de nós e que nós é que precisamos do Espiritismo, assim é porque a verdade se impõe por si só e somos nós os necessitados de esclarecimento.

O Espiritismo como ideal não morrerá nunca, ainda que os idealistas se destruam na sucessão dos erros, vencidos pela própria ignorância. Todavia, considerado como campo de experiências e aplicação de conhecimentos, o Espiritismo precisa sim do nosso concurso, tanto quanto nós precisamos dele.

Pela necessidade mesma do trabalho, agora que o Espiritismo se apressa, na hora trágica que vive o mundo, para cumprir definitivamente a sua missão de reforma social, forjada no melhoramento individual, está a depender das nossas mãos, dos nossos cérebros, dos nossos corações. Clama por adeptos esclarecidos que saibam prezar os estudos e que o honrem através dos atos.

Se até aqui os espíritas do Brasil têm sido, por assim dizer, autodidatas, errando muitas vezes para adquirir experiência, não podemos mais errar daqui para frente. Uma vivência de cem anos de sacrifícios dá-nos agora o roteiro seguro para mais vastos empreendimentos. Não mais cabe a improvisação, há necessidade do estudo metódico, há necessidade do conhecimento progressivo.

Não podemos temer o desafio da Parapsicologia, mas é preciso que nos mantenhamos dentro da sobriedade, dentro da razão, convencidos de que o Espiritismo detém a maior soma das respostas aos males do homem e da coletividade e, no entanto, muitas vezes por ignorância, não temos sabido encarnar estas respostas, nem temos figurado em nosso mundo como aqueles que sabem o que fazem na Terra, donde vieram e para onde vão.

O Espiritismo não pode temer o desafio da Ciência, ainda que membros de outras seitas religiosas se sirvam das Ciências de má fé para ridicularizar-nos, nós não podemos temer. No entanto, há necessidade que estudemos, que conheçamos a nossa Doutrina, que a valorizemos pelos atos.

Amai-vos, eis o primeiro mandamento, sentenciou o Espírito Verdade, *instruí-vos, aqui está o segundo*. Amemo-nos, então, uns aos outros, exercitando o trabalho do bem e do amor, exercitando a tolerância e a caridade dentro das nossas próprias fronteiras e daqui para toda a Humanidade, mas, não nos esqueçamos igualmente do Espírito, recorramos a Kardec na meditação de todos os dias e socorramo-nos em Jesus na oração de todas as noites.

Mantenhamos a unidade doutrinária pelo estudo, pela reflexão, pela meditação e mantenhamos a coesão fraterna pelo cultivo do amor, pelo exercício de um trabalho comum, em favor do próximo atormentado.

Atentemos para a nossa imensa responsabilidade. Seria bem mais bonito se eu vos trouxesse uma página de consolação, no entanto, nós temos sido consolados através dos anos ouvindo mensagens magníficas que nos exortam para o bem.

Já é tempo de acordarmos para a necessidade do trabalho, não apenas consolação, exercício também daquilo que temos aprendido. Não podemos continuar frequentando os nossos Centros Espíritas como eternos recebedores.

Chegou para nós a hora de dar, dar porque muito se pedirá a quem muito se houver dado.

Se algo nos compete suplicar a Deus, é que nos conceda novas oportunidades de serviço, abençoando a nossa seara de trabalho. Peçamos a Ele que abençoe este Templo de caridade, de serviço e de estudo.

Peçamos a Jesus que nos conceda firmar um compromisso e sermos, doravante, cada vez mais interessados na vida coletiva dos nossos Centros Espíritas. Não podemos permanecer a fazer sessõezinhas particulares em nossas casas, deixando os Centros Espíritas desertos. Há necessidade de nos reunirmos e estudarmos juntos.

Peçamos então a Jesus que nos multiplique as oportunidades de trabalho e digamos hoje e sempre:

Mestre, abençoa os Teus servidores, nossas mãos estão ainda vazias, mas querem ficar plenas em Tua seara.

Abençoa-nos hoje e sempre, concedendo-nos a graça de compreender, de amar e de crescer em cérebro e coração.

Dá-nos paz à nossa alma, alimenta-nos o coração suprimindo as necessidades de segurança íntima de que padecemos.

Mas, abre-nos os olhos para o imperativo do amor.

Tu disseste: “Ama teu próximo como a ti mesmo e faze aos outros o que queres que te façam eles.”

Ajuda-nos a compreender que nestas palavras colocaste a necessidade do amor ativo, do amor que constrói, do amor que alevanta, do amor que soergue.

Não nos permitas a preguiça, não nos permitas a paralisia voluntária, mas conclama-nos hoje e sempre ao trabalho em Tua seara.

Abençoa-nos e concede-nos a Tua paz.

Que assim seja.

Obrigado.

*Palestra de Jacob Holzmann Neto, proferida em Bauru, SP.
Em 2.10.2017.*